Entre técnica e individuação: o diário reflexivo como dispositivo formativo para além da racionalidade instrumental

Ana Letícia Marques Barcellos

Palavras-chave: Design; formação; racionalidade técnica; individuação; prática reflexiva.

Resumo: Este artigo investiga como a prática dos diários reflexivos, aplicada no contexto do estágio em docência em Design, opera como um dispositivo pedagógico que desafia a racionalidade técnica criticada por Donald Schön. Aproximando o processo formativo de uma concepção anti-instrumentalista e ontogenética da relação homem-técnica, conforme desenvolvida por Liliana da Escóssia. A partir da análise de três experiências estudantis registradas em diários reflexivos, argumenta-se que essa prática promove modos de individuação que emergem da experiência situada, do confronto com incertezas e do engajamento sensível com o processo de aprendizagem. O estudo evidencia que o diário funciona não apenas como ferramenta pedagógica, mas como operador ético-estético que desloca o estudante do papel de mero executor técnico para o de praticante reflexivo e agente de sua própria formação.

1 Introdução

A formação em Design tem sido historicamente marcada por diferentes racionalidades e convive com disputas entre abordagens mais sensíveis, experimentais e abertas, e abordagens mais prescritivas, orientadas pelo controle, pela previsibilidade e pela padronização de métodos. Em muitas instituições, prevalece ainda uma perspectiva em que o “bom designer” é aquele capaz de aplicar corretamente ferramentas, processos e metodologias consolidadas, reforçando uma visão técnica e normativa da prática. Esse pano de fundo evidencia a necessidade de revisitar as bases do pensamento projetual e suas implicações pedagógicas, especialmente num contexto em que a complexidade dos problemas de projeto exige atenção a dimensões subjetivas, relacionais e contingentes.

É nesse cenário que os conceitos desenvolvidos por Donald Schön se tornam relevantes. Em *The Reflective Practitioner*, Schön (1983) critica o predomínio da racionalidade técnica, um modelo no qual a prática profissional é concebida como aplicação instrumental de conhecimentos científicos ou métodos universalizados. Nesse paradigma, espera-se que o profissional enfrente problemas bem definidos, seguindo procedimentos que conduzam a soluções corretas e eficientes.

> De acordo com o modelo de Racionalidade Técnica — a visão do conhecimento profissional que mais influenciou tanto nosso pensamento sobre as profissões quanto as relações institucionais de

> pesquisa, educação e prática — a atividade profissional consiste na resolução instrumental de problemas, tornada rigorosa pela aplicação da teoria e da técnica científicas (Schön, 1983, p.21).

Schön argumenta, entretanto, que a prática real em campos como design, arquitetura ou educação raramente se apresenta dessa forma. Em vez disso, os profissionais lidam com situações singulares, incertas e mutáveis, nas quais o problema em si está em constante reformulação. Para dar conta dessa complexidade, ele propõe a figura do praticante reflexivo, alguém que pensa *durante* a ação, conversando com a situação, ajustando estratégias, improvisando, formulando hipóteses e aprendendo com a experiência enquanto age. Essa perspectiva desloca o foco do domínio de métodos para a capacidade de engajar-se sensivelmente com o contexto e com o que emerge do processo.

A crítica de Schön ressoa fortemente com as formulações de Liliana da Escóssia, que, inspirada em Simondon, apresenta uma visão anti-instrumentalista da técnica. Para a autora, compreender a técnica apenas como ferramenta subordinada à vontade humana é reduzir sua potência e ignorar as transformações que ocorrem quando humanos, materiais e operações se entrelaçam. Em vez de limitar a técnica à esfera da funcionalidade e do controle, Escóssia a concebe como parte ativa na constituição da ação e do próprio sujeito que age. Com o conceito da concepção ontogenética, a autora define como “aquela que considera a técnica em sua estreita vinculação com o devir coletivo e com o mundo das significações da cultura” (1999, p.43). Essa concepção possibilita deslocar o design do campo da operação linear para o campo das relações vivas, onde o fazer envolve afecções, tensões, decisões provisórias e contínua reorganização do modo de atuar.

Essa inflexão torna-se ainda mais profunda quando se observa o debate de Simondon sobre a relação homem-técnica. Para ele, e para Escóssia, que retoma e atualiza sua leitura, a técnica não é apenas meio para fins, mas um processo de individuação, no qual sujeito, objeto e meio se co-constituem. A ação técnica não é neutra; ela transforma quem age, reestrutura a situação e redefine continuamente o próprio sentido do problema. A formação, vista por essa lente, deixa de ser transmissão de técnicas e passa a ser acompanhamento de processos nos quais estudantes se descobrem em relação com materiais, ferramentas, ideias e decisões. O que emerge dessa relação é sempre algo novo, não apenas um resultado projetual, mas um modo singular de existir e de aprender.

Com base nessas perspectivas, esta pesquisa analisa a prática pedagógica dos diários reflexivos, utilizados no estágio em docência na disciplina de Métodos e Feramentas em Design de Serviço na graduação em Desenho Industrial da ESDI/Uerj. Serão examinados relatos produzidos por estudantes, buscando identificar momentos de reflexão na ação, reflexão sobre

a ação e indícios de individuação. A metodologia combina fundamentos da prática reflexiva de Schön com a concepção ontogenética da técnica de Simondon e Escóssia, permitindo observar a formação não como aplicação de métodos, mas como processo experiencial e transformativo. Ao articular esses referenciais teóricos com o material empírico dos diários, pretende-se discutir como práticas formativas que acolhem incertezas, afetos e experimentações podem ampliar a compreensão da técnica no ensino de Design. Assim, este trabalho abre caminho para pensar de que modo dispositivos pedagógicos que valorizam o processo, e não apenas o resultado, podem desafiar a racionalidade instrumental e contribuir para a constituição de designers mais atentos à complexidade, à relação e à transformação que caracterizam sua prática.

2 Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem de caráter exploratório, fundamentada em uma perspectiva metodológica que articula dois eixos teóricos complementares: a crítica de Donald Schön à racionalidade técnica e sua proposição da prática reflexiva, e a concepção anti-instrumentalista[1] e ontogenética da relação homem-técnica desenvolvida por Liliana da Escóssia a partir de Simondon. A partir dessa combinação, a formação em Design é compreendida como um processo que se desdobra em situações concretas, atravessado por incertezas, tensões, afetos e transformações que se atualizam no próprio fazer. Essa orientação metodológica permite observar o aprendizado para além da lógica instrumental, privilegiando modos de individuação, produção de sentido e construção situada de conhecimento.

O corpus empírico da pesquisa é composto por três diários reflexivos selecionados dentre os trinta diários entregues pelos estudantes da disciplina *Métodos e Ferramentas em Design de Serviços*, desenvolvida no âmbito do estágio em docência. Os diários constituíram-se como atividade obrigatória da disciplina e tinham por objetivo estimular nos estudantes a capacidade de observar suas próprias práticas, identificar tensões vivenciadas ao longo do processo projetual e refletir sobre decisões, afetos e descobertas. Como materiais que registram experiências singulares em contexto real, os diários oferecem acesso direto às dinâmicas de aprendizagem, à relação dos estudantes com técnicas, ferramentas, grupos de trabalho e às maneiras como interpretaram os desafios do projeto.

A seleção dos três diários não ocorreu de maneira aleatória, mas a partir de critérios analíticos definidos previamente, em diálogo com os referenciais teóricos adotados. Os critérios foram de

[1] “Este concepção pode ser caracterizada fundamentalmente pela rejeição da suposta neutralidade técnica instrumental, e por conceber a técnica como entidade autônoma. Estes são pontos que definem uma oposição radical à visão instrumental, onde a técnica, ela mesma, é neutra e subordinada à vontade humana, sendo o seu aspecto perverso a consequência de um mau uso eventual” (Escóssia, 1999, p.31).

acordo com as evidências de construção de conhecimento; demonstrando que o estudante foi capaz de articular suas vivências pessoais e projetuais com perspectivas conceituais discutidas ao longo da disciplina. Buscou-se identificar narrativas que não apenas descrevessem procedimentos, mas que revelassem processos de elaboração, interpretação e atribuição de sentido às experiências.

A partir desses parâmetros, os três diários escolhidos mostraram-se adequados para sustentar uma análise comparativa e aprofundada, oferecendo diversidade de experiências, riqueza narrativa e densidade reflexiva. Os diários selecionados apresentavam tanto descrições situadas de problemas enfrentados durante o projeto quanto interpretações posteriores que evidenciaram reelaborações e transformações subjetivas. O procedimento analítico seguiu três movimentos principais, inspirados na articulação metodológica entre Schön e Escóssia.

1. Reflexão na ação**:** buscou-se localizar nos relatos momentos em que os estudantes enfrentaram imprevistos, conflitos ou situações inesperadas e, perante eles, realizaram ajustes imediatos em seus modos de agir. Esses episódios evidenciam a “conversa com a situação” descrita por Schön, momento em que o conhecimento se produz na própria prática, de forma improvisada, sensível e responsiva.

2. Reflexão sobre a ação: foram analisados trechos em que o estudante revisita a experiência vivida para compreendê-la retrospectivamente, avaliando decisões, reconhecendo erros, reinterpretando tensões e consolidando aprendizagens. Essa etapa revela como o diário funciona como espaço de elaboração e organização do vivido.

3. Indícios de individuação: inspirada em Escóssia e Simondon, esta etapa investigou como relações entre estudante, materiais, ferramentas, colegas, prazos e situações concretas geraram transformações subjetivas e operacionais. Buscou-se identificar passagens em que o estudante não apenas narra o que fez, mas descreve mudanças em sua própria maneira de perceber, decidir ou agir.

Por meio desses procedimentos, a metodologia procura evidenciar como o diário reflexivo opera simultaneamente como instrumento de observação, dispositivo de individuação e mediador formativo. A análise das narrativas permite compreender de que modo os estudantes constroem conhecimento na prática, reorganizam seus percursos frente à incerteza e se implicam ativamente na constituição de seus modos de aprender e projetar.

3 Resultado

De forma geral, a prática do diário reflexivo cria um espaço singular onde as contribuições de Schön e Escóssia se encontram: um espaço em que a ação é acompanhada de reflexão, e em que essa reflexão se liga a processos de individuação. O dispositivo desloca a técnica para além de sua função instrumental e transforma a formação em um percurso vivo, no qual estudantes aprendem não apenas *o que* fazer, mas *como* se constituem ao fazer.

O diário 1 apresenta um dos exemplos mais ricos dessa dinâmica de individuação. Já nas primeiras linhas, ela narra sua relação com atividades manuais e processos artesanais. Esse ponto, aparentemente biográfico, reaparece mais tarde na forma como a estudante se envolve com o projeto, os materiais e as ferramentas digitais. Sua escolha pelo formato digital do diário é justificada pela “praticidade” e pela dinâmica acelerada das disciplinas, revelando um primeiro deslocamento entre o fazer manual e o fazer mediado pela técnica. Nesse sentido, a aluna exemplifica o que Escóssia chama de anti-instrumentalismo: a técnica não está simplesmente a serviço dela, mas reorganiza seu modo de operar, facilitando algumas dimensões enquanto tensiona outras.

Ao longo do processo, a aluna enfrenta uma série de imprevistos ligados à organização, comunicação e carga de trabalho. Em vários momentos, suas reflexões evidenciam episódios de reflexão na ação, como quando assume temporariamente a produção da entrega por falta de disponibilidade do grupo. Isso é uma reorganização emergente diante do caos; exatamente o tipo de conhecimento-na-ação descrito por Schön. Em paralelo, há múltiplos exemplos de reflexão sobre a ação, como quando reconhece o bloqueio criativo, identifica falhas de comunicação e percebe sua irritação com atrasos. Nesses momentos, ela revisita, analisa e ressignifica a própria experiência.

O diário 2, por sua vez, traz forte dimensão afetiva e social do processo de design, ampliando a discussão sobre individuação para além da técnica e incluindo o coletivo. A aluna começa narrando sua confusão inicial diante da proposta de “utopia”, além da surpresa com uma nova configuração de grupo e seus próprios preconceitos sobre uma colega considerada “extrovertida demais” . Aqui, a individuação se dá não apenas no encontro com a técnica, mas no encontro com o outro, numa complexificação subjetiva que Escóssia destacaria como parte constitutiva da ação técnica. A aluna se dá conta de que a construção do manifesto envolve lidar com referências culturais, tensões afetivas e decisões coletivas. Sua sugestão de abordagem irônica e crítica, inspirada em *Black Mirror* e *Wall-E*, revela como seu repertório pessoal atua diretamente na construção do conhecimento . Isso exemplifica a ideia de Schön de que o profissional mobiliza saberes tácitos, sensíveis e experienciais na reflexão-na-ação.

Um dos momentos mais significativos aparece quando a aluna percebe a contradição entre criticar a produtividade extrema da IA e simultaneamente recorrer à IA para produzir o próprio trabalho: “a gente estava fazendo exatamente o que estava criticando… usando a lógica de ganho de tempo” . Essa autorreflexão crítica constitui um movimento claro de individuação, no qual a técnica deixa de ser neutra e passa a ser interrogada como agente que produz efeitos e implicações éticas.

O diário 3 complementa esses achados trazendo uma reflexão explícita sobre o papel da técnica e da IA na prática de design. Em sua crítica ao uso indiscriminado de imagens geradas por IA, “não me parece saudável… forçar a existência de algo que não aconteceu”; aparece uma consciência da dimensão ontogenética da técnica: as ferramentas não apenas apoiam o processo, mas configuram a maneira como imaginamos, projetamos e representamos o mundo. O aluno também relata episódios claros de reflexão-na-ação, como quando o grupo precisa ajustar a trilha, ritmo e composição do manifesto para unificar o vídeo. Esses momentos ilustram a “conversa com os materiais” descrita por Schön (som, imagem, tempo e narrativa) evidenciando como o conhecimento emerge do próprio fazer.

Ao cruzar os três diários, percebe-se um padrão formativo compartilhado: a técnica (seja o vídeo, a IA, o storyboard, o moodboard, o grupo, o tempo ou o próprio diário) não funciona como instrumento neutro, mas como operador formativo. Ela convoca, frustra, reorganiza, abre problemas, catalisa aprendizagens. O diário reflexivo intensifica esse processo ao transformar o vivido em narrativa, permitindo que os estudantes percebam movimentos internos de mudança, um dos sinais mais potentes de individuação. Nesse sentido, o dispositivo do diário articula Schön e Escóssia de maneira exemplar: ele cria um espaço onde a reflexão se encontra com a individuação, e onde aprender design significa transformar-se enquanto se aprende a projetar.

4 Discussão

Nos relatos analisados, a técnica não aparece como simples meio subordinado à intenção do aluno; ao contrário, ela intervém no processo, cria obstáculos, suscita reorganizações e exige novas decisões. Situações em que ferramentas, softwares, materiais ou dinâmicas de grupo “não funcionam como deveriam” tornam-se, paradoxalmente, momentos formativos centrais, pois obrigam os estudantes a ajustar a rota, improvisar ou reinterpretar o próprio projeto. Esses episódios, recorrentes nos três diários, indicam processos de individuação em curso, nos quais o estudante modifica suas ações e, simultaneamente, é modificado por elas.

Esse caráter transformativo fica especialmente evidente quando os estudantes descrevem como os imprevistos os levaram a rever expectativas, desacelerar, repensar soluções e até

questionar o próprio entendimento sobre o que estavam fazendo. Nessas passagens, observa-se não apenas a resolução de problemas, mas a constituição de novas posturas, percepções e modos de agir; indícios claros de que a aprendizagem ultrapassa a dimensão técnica e envolve também um trabalho subjetivo. Nos diários selecionados, a técnica age como mediadora sensível, que tanto possibilita quanto tensiona, produzindo deslocamentos que não estavam planejados no início da atividade.

O diário reflexivo, enquanto dispositivo, atua como operador que amplifica essas transformações. Ao transformar a experiência em escrita, os estudantes reorganizam fragmentos do vivido, revisitam incertezas, dão forma a sensações difusas e traduzem em pensamento o que antes era apenas ação. Esse processo evidencia aquilo que Schön descreve como conversa com a situação, mas aqui expandida pela linguagem. A escrita prolonga a experiência, reinscreve o vivido e permite que o estudante perceba nuances que, no momento da ação, passariam despercebidas. Assim, os diários revelam aprendizagens que não derivam da simples aplicação de métodos, mas surgem justamente da reflexão sobre a ação.

Do ponto de vista subjetivo, os diários mostram estudantes navegando entre frustração, entusiasmo, desconforto e experimentação. Esses afetos são componentes essenciais do processo formativo. Eles demonstram como a experiência projetual é também experiência de si, e como a técnica, longe de ser neutra, atua na produção de novos modos de relação com o trabalho, com o grupo e consigo mesmo. Em vários momentos, os estudantes reconhecem mudanças de postura, ampliação de repertórios e maior consciência sobre suas escolhas. Elementos que, juntos, configuram o papel do diário como dispositivo ontogenético.

5 Considerações Finais

A análise dos diários reflexivos sugere que a formação em Design pode ser profundamente enriquecida quando se desloca o foco da execução eficiente de métodos para a experiência situada do aprender. Os relatos dos estudantes mostram que o processo formativo não se reduz ao domínio técnico ou ao cumprimento das etapas de um projeto, mas envolve descobertas e ajustes contínuos que emergem no contato direto com materiais, ferramentas, pessoas e imprevistos. Esses elementos revelam que a aprendizagem acontece também nos desvios, nos erros e nas reinvenções que cada situação convoca.

Os diários aproximam-se da prática reflexiva proposta por Schön, que reconhece a ação como espaço de pensamento e considera o imprevisto não como falha, mas como força pedagógica. Simultaneamente, os registros analisados evidencia que a técnica não atua como simples instrumento, mas participa ativamente da constituição do aluno, modulando seu modo de agir e

de perceber a si mesmo no processo. Assim, a formação aparece como um trabalho de individuação, no qual sujeito e técnica se co-transformam. Nesse sentido, o diário reflexivo opera como um dispositivo que articula prática e subjetivação permitindo que o estudante reordene o vivido e produza novas compreensões sobre sua trajetória.

Os resultados desta análise apontam que práticas pedagógicas que valorizam a reflexão, a escrita e a experimentação podem contribuir para uma formação mais sensível às singularidades, às incertezas e às transformações inerentes ao processo projetual. Mais do que ensinar a aplicar métodos, trata-se de criar condições para que cada estudante se reconheça em movimento, capaz de interpretar, adaptar e reinventar suas próprias formas de aprender e de projetar. Nesse horizonte, o Design deixa de ser apenas solução e passa a ser também percurso, relação e devir.

Referências

ANDRADE, Flávia Luciana Campos Dutra; ALMEIDA, Patrícia Vasconcelos. Diários reflexivos: um instrumento relevante no processo de transformação e desenvolvimento profissional do docente. ***Educação e Linguagens***, Campo Mourão, v. 7, n. 12, p. 94–106, jan./jun. 2018.

CERQUEIRA, Maria Eduarda. ***Diário reflexivo.*** 2024. Documento entregue como atividade da disciplina Métodos e Ferramentas em Design de Serviços, Escola Superior de Desenho Industrial – ESDI/UERJ.

ESCÓSSIA, Liliana de. **Relação homem-técnica e processo de individuação**. Aracaju: Editora UFS, 1999.

GOMES, Chris. ***Diário reflexivo***. 2024. Documento entregue como atividade da disciplina Métodos e Ferramentas em Design de Serviços, Escola Superior de Desenho Industrial – ESDI/UERJ.

SALVADOR, Julyana. ***Diário reflexivo***. 2024. Documento entregue como atividade da disciplina Métodos e Ferramentas em Design de Serviços, Escola Superior de Desenho Industrial – ESDI/UERJ.

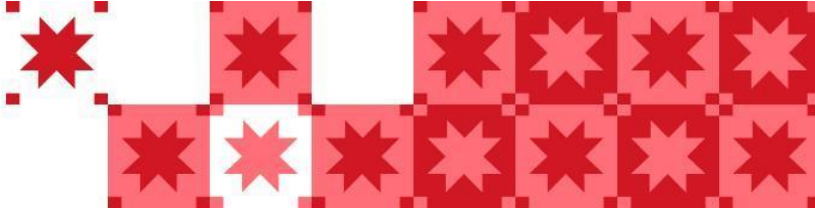
SCHÖN, Donald A. ***The reflective practitioner: how professionals think in action***. New York: Basic Books, 1983.c

SIMONDON, Gilbert. **Do Modo De Existência Dos Objetos Técnicos**. [S. l.]: Contraponto, 2020. (Tradução da obra original de 1958).

Sobre a autora

Ana Letícia Marques Barcellos, Mestranda, Esdi/UERJ, Brasil <abarcellos@esdi.uerj.br>

SPGD 2026



Diretrizes para submissão
SPGD 2026 - 10º Simpósio da Pós-Graduação em Design da ESDI
PPDEsdi - Programa de Pós-graduação em Design da ESDI/UERJ
Rio de Janeiro | Brasil | 2026